

pectiva, ou ainda sobre os generalizados temas das *antigualhas* e das *rovine* clássicas, que chegam às bibliotecas humanísticas de Lisboa, Coimbra e Évora, sem esquecer o intercâmbio artístico que, desde a época de D. João III, se processa nos dois sentidos (bastando lembrar-se o estágio romano de Francisco de Holanda ou do pintor Campelo, entre tantos outros). É interessante observar que, numa obra que agrupa, além do prefácio de Marco Spallanzani e da apresentação crítica da responsabilidade dos quatro organizadores, treze estudos com abordagens específicas sobre temas ligados a temas tão diversificados no campo da circulação de bens, pessoas e ideias, coabitem tanto os esforços de síntese como as visões micro-históricas e as revelações de situações factuais precisas. O que resulta desta diversidade de contributos é assaz enriquecedor, na medida em que reforça a abrangência pluridisciplinar pretendida e aprofunda o conhecimento das relações luso-italianas dos séculos XV a XVIII nas suas vertentes históricas mais abrangentes. Nesse sentido também, esta publicação serve de modelo de referência para ulteriores trabalhos sobre o tema. Duas palavras — Mar e Fortuna —, com as suas plurais e ambíguas acepções (força, fragilidade, fraqueza, limitação), ajudam a situar

todas as análises no quadro de uma geografia humana que tende a globalizar-se e da extensão oceânica que, desde final do século XV, ampliou o espaço de intervenção das duas monarquias ibéricas (não só a portuguesa) a novos continentes, marcando decisivamente o avanço da economia europeia e determinou, em concomitância, o peso estratégico de cidades portuárias como Lisboa, Génova ou os portos da Toscana, por exemplo.

Trata-se, em suma, de um trabalho valioso, que honra os organizadores e de que se espera frutuosa sequência. VÍTOR SERRÃO

Gil Vicente, *Auto da Barca do Inferno. La barca dell'Inferno*, cura, coordinamento e revisione **Valeria Tocco**, introduzione, edizione e traduzione dal portoghese **B. Campenni, A. Catalano, F. Gianelli, C. Morleo, R. Martignoni**, Siena, Vittoria Iguazu Editore, 2014, 127 pp.

Cerca de sessenta anos após a publicação em Itália da tradução de *Auto da Barca do Inferno* por Giuseppe Carlo Rossi, surgiu no mercado editorial italiano, em 2014, uma nova versão do texto de Vicente em edição bilingue coordenada por Valeria Tocco, professora universitária em Pisa e investigado-

ra de longa data nos domínios da literatura e da cultura portuguesas. No plano estrutural, o livro organiza-se em duas secções. A primeira compõe-se de sete pontos que cumprem distintas funções. Os cinco primeiros compreendem a apresentação do livro (“Gil Vicente nel terzo millenio”), a contextualização histórica, literária e linguística (“Gil Vicente: l’epoca e l’uomo”; “Il teatro in Portogallo e las Barcas”; “La lingua di Gil Vicente”), os esclarecimentos sobre o trabalho de tradução (“Tradurre l’*Auto da Barca do Inferno*”). Os dois últimos pontos são dedicados à “Bibliografia” geral e a uma nota editorial (“Questa edizione”) que explicita os critérios adoptados na tradução. Ocupam a segunda secção, além do texto bilingue, as variantes às edições da *Copilação* de 1562 e 1586 e finalmente, as “Note al testo”, cuja maior responsabilidade coube a Valeria Tocco. As origens do presente livro remontam a um projecto didáctico-pedagógico que se orientou para o ensino de línguas estrangeiras pelo recurso ao teatro. Na sequência da representação de *Barca do Inferno* na tradução italiana realizada para o efeito por estudantes do Corso di Laurea Magistrale in Traduzione Letteraria e Saggistica da Universidade de Pisa, Valeria Tocco idealizou e preparou para o prelo junto

com alguns desses seus alunos, e já fora do âmbito curricular, a mais recente versão italiana do texto vicentino, com o mérito assinalável de um proveitoso enquadramento no seu tempo histórico-cultural.

Na proposta de oferecer aos leitores italianos uma versão “godibile” e “filologicamente corretta” (p. 8), destaca-se a novidade da selecção da fonte impressa. Diferentemente das versões anteriores devidas a Gianfranco Contini (1949), a Enzo di Poppa Vòlture (1950, em excerto; 1953, integralmente, cf. Sebastiana Fada, “Gil Vicente em Itália”, *Compêndio Gil Vicente*, ed. José Augusto Cardoso Bernardes, José Camões, Coimbra, IUC, no prelo) e a Giuseppe Carlo Rossi (1956) que adoptaram a *Copilação* de 1562 como texto de partida, as tradutoras escolheram o folheto quinhentista, contemporâneo do autor. No mesmo sentido é ainda importante assinalar o muito louvável cuidado filológico que determinou a inclusão das variantes das edições de 1562 e 1586 da *Copilação*.

Quanto ao aspecto gráfico, a opção de manter numa única linha um verso repartido por mais do que uma personagem, indicando também por extenso a personagem que profere cada um dos fragmentos do verso, constitui uma decisão que não facilita

a percepção do verso (cf., entre outros, v. 250: “*Diavolo: Di chi? Joane: Degli sciocchi. Diavolo: Vostra.*”, p. 69). Na mesma ordem de ideias, o facto de as estrofes não estarem graficamente marcadas pode contribuir para uma leitura não imediata do registo da forma poética (oitava).

O aparato de Notas, por sua vez, ganharia se fossem mais apuradas as referências bibliográficas, nomeadamente na nota a *caro* do v. 3 (p. 120), que remete para um autor sem indicação da obra que também não consta na bibliografia geral (como, aliás, outros autores e títulos referidos nas Notas). Ainda no domínio do aparato, a primeira nota, tal como se encontra redigida, pode dar a entender a um leitor menos avisado que a folha volante não é impressa, por oposição à explicitação do segundo conjunto de exemplos: “Rubrica: l’*Auto*, nella *folha volante* che abbiamo preso come testo base [...] La rubrica delle edizioni a stampa [...]” (p. 120). Os apontamentos críticos acima enunciados não enfraquecem no entanto o mérito do trabalho realizado nem o produto final que, com muito sentido de oportunidade, favorece a difusão de uma obra de referência do teatro português ao mesmo tempo que a torna acessível ao público italiano. MARIA JOÃO ALMEIDA, JOSÉ CAMÕES

Eça de Queirós, *Antero de Quental. Un genio che era un santo*, traduzione e introduzione di **Maurro La Mancusa**, Colle di Val d’Elsa, Vittoria Iguazu Editora, 2016, 122 pp.

A dispetto della sua tribolata vicenda editoriale, il volume *In memoriam - Antero de Quental*, progettato all’indomani della morte del poeta di Ponta Delgada, costituisce ancora oggi un vasto campo di riflessione per analizzare l’operato – letterario, filosofico, politico – di un nucleo di personalità tra le quali Antero è certamente, se non il “maestro” o il “mentore”, almeno la figura di maggior rilievo mitico. Dopo quasi cinque anni di ritardi, liti e bagatelle, Luís de Magalhães, vero propulsore dell’*In memoriam*, riusciva finalmente a riunire poesie, prose, memoriali, lettere, studi bibliografici, genealogici e critici di alcuni dei protagonisti più significativi del panorama intellettuale portoghese di fine Ottocento, come Guerra Junqueiro, Carolina Michaëlis, Oliveira Martins, Alberto Sampaio, Jaime Batalha Reis, Joaquim de Araújo e lo stesso Eça de Queirós: all’interno di questo “libro d’oro di Antero”, *Um génio que era um santo* è senza dubbio la gemma più luminosa.

Per il valore estetico, le sfumature liriche e i toni puramente narrativi, il testo di Eça possiede un’autonomia